

CORREIO DO VOLUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51.

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
R. DO COMMERCIO DO PORTO, 124-B
PORTO

Não se devolvem originaes nem se accita collaboração que não seja sollicitada.

PAUSAS DA VIDA

XIII

A voz da terra

Um dia, lá dos fmdos da Quissama, mandaram-me um rapazote dos meus vinte annos, com a recommendação de o collocar convenientemente em Loanda.

O candidato não tinha habilitações litterarias, creio mesmo que não sabia escrever o seu nome, mas apresentava dois braços válidos, presos a um tronco de carne.

Disse-lhe, pois:

— Olha, João, vês aqui estes quatro ou cinco taboleirinhos de terra? entretém-te com elles, e comes aqui, dormes aqui, de baixo das minhas telhas, e recebes, cada dia, duzentos reis.

Respondeu-me que não, que não accitava d'esses trabalhos.

D'esses trabalhos?!

Compreendi. Não era elle quem fallava, eram certas tradições horriveis que fallavam pela bocca d'elle, era uma especie de repugnancia atavica, vinda da successão de escravos que regaram com suores de sangue as terras onde nasceram. O pobresinho olhava para a enxada como para o estyigma da servidão ou para os ferros que algemaram os pulsos dos seus paes antigos!

Devia um exemplo, segundo creio, ao vão terror, mais nocivo á terra africana do que as multidões de formigas que devoram os seus fructos.

Peguei na enxada, brandi-a, enterrei-a, e levantou-se o primeiro torrão, secco, avermelhado, ericado de raizes e de tristissimos grêlos.

Com mais vinte ou trinta golpes, descobri toda a linha de base do pequeno rectangulo inculcto.

O sangue batia-me nas fontes com uma violencia inaudita. O coração parecia-me um lobo dentro da jaula. Bufava como um boi.

No entanto não sei que força e que consolação me trazia a quelle cheiro caracteristico que sahe da terra revolta; não sei que sensação nova me parecia ter quando limpava a poeira dos olhos ás costas das mãos. Continuei.

E' claro que, ao principio, não apanhava o rythmo, o segredo do synchronismo: as pulsações e os movimentos desentramavam-se, desequilibravam-

se, não tinham regra, não tinham tino, estabelecendo dentro de mim uma especie de anarchia organica. Até que, não sei como, dei com a chave propria d'aquella harmonia. D'ahi por diante corria a tarefa com facilidade: o coração aquietou-se, os pulmões não resfolegavam desábridamente.

Voltei para cima com a voz da terra nos meus ouvidos. Olhei com desvanecimento para as condecorações purpurinas que o pau da enxada abria nas duas mãos alarmadas do que sentiam.

E agora, todos os dias, chegada a hora de repousar a cabeça, deponho a penna e vou para a minha pequena cêrca regular-me de ouvir a voz amiga da terra.

Outros canteiros foram cavados, esplanados, regados e semeiados; e não tardará muito, assim o espero, o momento de se comer o pão amassado á letra com o suor do meu rosto.

Mas, afinal, quem foi de nós dois o que melhor lição recebeu?

Loanda, 15 de Setembro de 1911.

João, Bispo de Angola e Congo.

XIV

Homem de acção

Prova-se pelo que se vae contar, que ha no mundo injustiças de arripiar os cabelos. Prova-se da mesma maneira que essas injustiças são temporâes. Prova-se finalmente que a força muscular não é dote que se imponha a ninguem, se não quando se emprega na defeza dos opprimidos.

Um dia, no meu quarto de estudo em Aveiro, entrou precipitadamente um pequeno sobrinho a fazer-me as suas queixas, acompanhadas de rios de lagrimas e de soluços que cortavam o coração.

No estado de consternação e de revolta em que se encontrava o padecente, não levei pouco tempo a reconstituir a scena brutal que dera origem áquelle protesto e á invocação do meu auxilio reivindicador.

Ei-la:

Este meu sobrinho, chamado Norberto, que não sabia responder ás affrontas com mais razões que não fossem lagrimas, estava sentado a uma mezinha redonda a encastellar as pedras de um dominó. Não havia no sitio outra cadeira além da que elle occupava.

Os trabalhos, segundo parece, iam correndo aos desejos do pequeno architecto, quando a sua paz infantil foi perturbada pelo advento de outro sobrinho, do mesmo nome, mas de humores inteiramente diversos.

Era mais novo, mas tinha um animo prompto, decidido, varonil, e um corpo de latagão ao serviço das suas disposições e das suas tendencias de despota.

Um dia, em casa alheia, avisou no ultimo andar de um centro de meza qualquer coisa que lhe appeteceu. Não disse nada, não pediu nada; perdia-se tempo a rodear a questão de essas fastidiosas maneiras. Ir direito, em linha recta, eis o processo! Assim construiu elle mesmo uma especie de andaime, servindo-se de uma combinação de cadeiras que lhe pareceu a mais propria; trepou, á sua custa, sujeitando-se aos riscos da sua empreza; deitou a mão ao magnifico fructo que luzia aos seus olhos; e no fim, indiferente ao publico que o mirava, devorou a sua conquista.

Homem de acção! homem de acção! dizia o dono da casa, o dr. Reis Lima.

De outra vez ia eu com os dois, de Aveiro para Verdemilho. Não tardou muito que o primeiro começasse, a dizer que lhe doiam as pernas e a appellar para todos os carros que passavam por nós.

— E tu?

— Eu não, respondia o outro.

Finalmente chegou tambem a sua vez; mas sem proferir uma palavra, transitando por cima de todas as formulas, auzentou-se do grupo, sentou-se numa pedra, á beira do caminho, e então, installado, consolado, tranquillo, disse de uma maneira irrevogavel: doem-me as pernas!

Tal foi o figurão que o primeiro Norberto viu entrar na sala onde não havia senão a cadeira onde elle jogava com os dados do dominó. E' claro que, ainda bem não havia medido a profundidade do perigo, já tinha em cima de si um encontrão medonho do corpo alambazado e prepotente do primo. Creio mesmo que tomou no chão.

Houve, é certo, segundo averigui, um ultimatum, um *tirate d'ahi!* mas semelhante imperativo não deu tempo nenhum á retirada incruenta do opprimido, foi acompanhado incontinenti da execução brutal, da

arremetida de hombros victoriosa.

Os fortes respeitam a força. Quando o pequeno tyranno me viu apparecer, trazendo pela mão a victima ainda chorosa, abandonou o posto e retirou-se do aposento, nem hesitante nem perturbado.

Então o direito, o jus, sentou-se outra vez na sua cadeira e readquiriu a sua voz: «uma pessoa, disse elle, quando está sentada, não vem outra pessoa tirar-lhe o logar!»

Loanda, 20 de Setembro de 1911.

João, Bispo d'Angola e Congo.

Cartas de um homem obscuro

IV

O primeiro genero litterario cultivado pelos romanos foi a comedia. Na Grecia a epopeia foi o inicio da litteratura grêga; em Roma só mais tarde, no seculo de Augusto, surgiu a verdadeira epopeia com Virgilio, embora este imitasse e, até, copiasse bastante outro epico anterior chamado Cneio Nevio.

A comedia grêga havia tido três phases:—antiga, ou politica, tendo por alvo a invectiva pessoal, escola de que foi mestre Aristophanes; média, ou allegorica, tendo por chefe Antiphano; e nova, ou de costumes, representada por Menandro, este já do tempo dos Romanos dizendo-se que fora auxiliado nas suas composições por Scipião, o moço.

Perto de trezentos annos antes de Christo um pobre ombriano chamado Plauto, imitou dos comicos grêgos da nova escola o assumpto e a forma das suas comédias conseguindo reunir uma disposiçao engenhosa, e um elegante estylo, ao tom alegre, ás picantes zombarias já naturalizadas na Italia. Serviu-lhe de modelo Epicharmo, como se lê no verso 58 da epispola 1 do livro 2 de Horacio:

Platus ad exemplar Siculi proferre Epicharmi.

Terencio, mais tarde, embora mais conhecedor das regras, e mais delicado porém, incontestavelmente, menos original, imitou as obras de Menandro. E' pela mesma epocha que surgiu, embora em estado rudimentar, a poesia epica com Ennio, poeta que cantou em bellos hexametros as façanhas de Scipião, e que prestou muitos e valiosos subsídios a Virgilio tendo passado á posteridade as palavras de que se serve este ultimo poeta, — *de stercore Ennius*. — porquanto Virgilio, para se justificar de ter imitado alguns versos de Ennio, diz que no estercor de Ennio colheu muitas e preciosas perolas.

Um seculo antes um poeta dramatico, cujas obras se perdêram, Livio Andronico, havia traduzido para latin a Odysseia e, apesar da sua linguagem pouco correcta, e dos defeitos de traducção, tal obra foi adoptada em Roma para o ensino.

De Ennio, além da epopeia que já mencionei, escreveu uma outra, sem duvida de maior vulto. Nos *Annales*, poema epico em bellos hexametros, descreve, poeticamente, a historia de Roma desde a sua fundação até ao seu tempo. Compoz varias tragedias e comedias, mas é forçoso dizer-se que se distinguu muito mais pela elegancia e habilidade, do que pela invenção e inspiração.

Fabio Pictor e Cincio Alimento narraram a historia romana desde a fundação de Roma, até á epocha em que viveram. Principiando por um resumo das origens de Roma e descrevendo depois, com maior largueza, os acontecimentos mais recentes. O primeiro destes dois escriptores foi para Roma, o que Fernão Lopes foi para Portugal, como Froissard foi para Franca, como Ricordano Malespino foi para a Italia, como Pedro Ayala foi para a Hespanha. Pictor foi o pae da historia romana.

Porcio Catão deixou em sete livros as origens de Roma, obra que demonstra profundas cogitações do seu auctor; não é uma chronica, anno por anno, mas chronica em periodos mais largos.

O acheiano, Polybo, durante dezessete annos que residiu em Roma reuniu os subsídios para escrever a sua historia universal, obra em quarenta livros, e que termina na destruição de Carthago e de Corintho. Esta obra monumental, modelo de historiographia moderna, tinha Roma por centro e mostrava como esta cidade devia a sua grandesa á sua politica severamente methodica. Pena é que apenas chegassem até nós os primeiros cinco livros, e fragmentos dispersos dos outros.

Augusto rodeado de Mecenas, Messala e Pollio, profundos conhecedores dos poetas e prosadores grêgos conseguiu desinvolver o gosto litterario dos romanos e levar a litteratura romana ao seu verdadeiro esplendor.

Na jurisprudencia e eloquencia havia se tornado notavel Servio Sulpicio, citado por Cicero como o maior orador da sua epocha; mas só no tempo de Augusto surgiram duas escolas: os *proculianos* e os *sabinianos*. A primeira foi fundada por Antistio Labeo e a segunda por Abio Capito. Então floresceram Hortensio e o seu rival, Tullio Cicero. Este tambem se dedicou á philosophia, mas não creou systêma novo e esta sciencia pouco progrediu entre os romanos. Não vem fóra de proposito fallar dos *paradoxos*. — *Paradoxum toi corum sex*; — obra composta por Cicero pelo anno 710 de Roma. Citarei esses paradoxos porque elles encerram boa moral.

1.º—*Quod honestum sit, id solum bonum esse.*

2.º—*In quo virtus sit, ei nihil deesse ad beate vivendum.*

3.º—*Aequalia esse peccata et recte facta.*

4.º—*Omnem stultum insanire.*

5.º—*Solum sapientem esse liberum, et omnem stultum errum.*

6.º—*Solum sapientem esse divitem.*

Mas a verdadeira obra philosophica de Cicero, na opinião do padre d'Olivet, é a obra, — *De Natura Deorum*. — Em forma de dialogo, esta obra compõe-se de três livros, encerra a discussão entre três phi-

losophos de seitas oppostas: — um epicuro, um stoico e um academico. Mas o curioso é que no principio do seculo passado appareceu um quarto livro da Naturêsa dos deuses, com o seguinte e pompôso titulo: — «M. T. Ciceronis de Natura Deorum liber quartus; e pervetusto codice M. membranaceo unuc primum edidi dit P. Seraphinus, ord. f. min.— Bologne, 1811 et Oxford 1813.» Mas percebeu-se desde logo a fraude pelo estylo cheio de barbarismos.

Virgilio floresceu na epopeia, Horacio na satyra e na ode; Lucrecio, Ovidio, Phedro, Catullo, Tibullo, Propercio e Juvenal são os poetas mais notaveis deste cyclo litterario de Roma. Na prosa houve: Sallustio, Tito-Livio, Cornelius Nepos, e os grêgos: Diodoro da Sicilia, Dionisio de Halicarnasso.

Com respeito á architectura apenas apparece digno de menção, Vitruvio.

O cyclo fecha-se. Desde então os romanos não querem saber mais de litteratura. Querem espectaculos, festins nada mais. Pudor, vergonha, honra são palavras que se não conhecem em Roma desde que dominam os Cesares. Domina o punhal e o veneno.

Cecrops.

ASSUMPTOS LOCAES

Preso por ter cão e preso por não o ter

E' este o nosso caso. O velho rifão applica-se melhor a nós do que a ninguem. Ora attendam-nos, por um instante, as pessoas intelligentes, sensatas e honestas da nossa terra, e depois nos dirão se temos ou não razão.

Desde o primeiro numero, não deixámos ainda de procurar cumprir o nosso dever, tratando com imparcialidade os assumptos de interesse para o paiz e os que dizem respeito particularmente a esta villa. Porque á commissão administrativa Parochial incumbe especialmente tomar a iniciativa dos melhoramentos locaes nós não deixamos nunca de chamar a sua attenção para uma ou outra necessidade, logo que de ella temos conhecimento. Procedemos assim durante a monarchia. Assim temos procedido desde a proclamação da Republica, usando sempre dos mesmos processos que se resumem nestas duas palavras — verdade e justiça. Pois este nosso procedimento parece não ter agradado a alguém. Porquê? Por tudo, menos por mentirmos ou

por sermos injustos. Por tudo, menos por lançarmos á margem o interesse collectivo, e cuidarmos apenas do interesse proprio. Por tudo, menos por fazermos politica, na baixa acepção d'esta palavra.

Receará alguém que as Instituições vigentes periguem pelo facto de nós repetidas vezes chamarmos a attenção da commissão parochial para esta ou para aquella necessidade? Ou supporá que o nosso procedimento envolve falta de respeito pela Republica?

Quem sabe? talvez haja quem supponha que, visto os membros da Junta serem republicanos, nós só provaríamos que também o somos, elogiando-os sempre, mesmo quando não tenham feito coisa nenhuma. Mas como nós (temo-lo dito tantas vezes...) não sabemos elogiar, nem tão pouco censurar, por systema, d'ahi concluirá talvez alguém que estamos a dar uma prova de falta de patriotismo, lembrando que é preciso concertar os muros do adro, limpar o cemiterio, nomear o encarregado do registo civil, etc., etc.

Não estranharemos que alguém pense assim, porque a educação civica do nosso paiz é pouca e pessima.

Mas vamos ao reverso da medalha.

Já não tem conta o numero dos nossos conterraneos que nos dizem: «óra bolas, v. em logar de tratar dos interesses da nossa terra, ou publica versos de João de Deus ou transcreve Herculano, coisas a que a maior parte dos seus assignantes não ligam importancia. Deixe-se d'isso; trate, mas é das coisas da nossa terra.»

Eu bem lhes chamo a a attenção para a secção *Assumptos locaes*. Mas acham pouco; e reclamam mais, ameaçando com a devolução do jornal.

Não ha duvida: o proverbio já apontado fica-nos mesmo a matar, e tambem não nos dirá mal de todo este outro:

O mundo ralha de tudo, tenha ou não tenha razão.

Conhecemo-lo desde menino. Lemo-lo, quando mal soletravamos ainda, no livro *Virtudes Civicas*, se a memoria não falha, na poesia *O velho, o rapaz e o burro*.

Que bons tempos, esses, que já lá vão e não voltam mais!

Parecia-nos que viviamos no melhor dos mundos. Não conheciamos a maldade dos homens. Todos nos pareciam tão bondosos. Faziam-nos festas, davam-nos beijos. Hoje, tudo mudou. Até já nos convencemos de que encerram uma grande verdade estas palavras *homo nomini lupus*. Sim, o homem é o peor inimigo do homem.

Como procuraremos defender-nos, pela nossa parte? Desta maneira, talvez estranha para muita gente: educando o nosso espirito e o nosso character, e sujeitando os nossos actos ao julgamento d'um unico tribunal — a nossa consciencia.

Vem tudo isto, afinal, para dizer que não alteraremos os nossos processos, sabendo que elles continuarão a agradar a uns e a desagradar a outros.

E quem haverá capaz de agradar a toda a gente?

*

Ainda não está nomeado o encarregado do registo civil.

A proposito, registemos as seguintes palavras d'uma carta que acabamos de receber:

«... Como decerto já sabe, passou d'esta para melhor a mãe do *Julio tólo*, mas o que talvez ignore é que foi preciso tirar uma esmola para pagar certas despesas relativas ao funeral, entre ellas a que se fez com a ida a Aveiro por causa do registo civil...»

Commentarios... para quê?

*

A *Ponte do Zézito* precisa de ser concertada com urgencia. (Digamos, embora baixinho, que esta urgencia é *urgentissima*, pois vem de muito longe.)

Entregamos o caso á ponderação de quem tem superintendencia nelle, afirmando que, a demorem-se por algum tempo mais as necessarias reparações, será melhor ir pensando já no projecto e orçamento de obra nova.

*

Diz-nos alguém que o muro da praça, recentemente reparado, já tem algumas pedras arrancadas. Não seria mau, por estas e por outras, ir applicando, de vez em quando, a multasinha a quem a merecesse.

Toda a correspondencia, relativa a este jornal, deve ser dirigida ao seu director para o Porto, rua do Commercio do Porto n.º 124-B.

D'ALÉM-MAR

Lourenço Marques, 13 d'Outubro

Permita-me, sr. Redactor, que d'estas longinquas paragens mande algumas noticias para o nosso «Correio do Vouga».

Vou referir-me, embora rapidamente, pois v. não poderá dispor de muito espaço, ás festas entusiasticas que se realisaram aqui pelo anniversario da Republica Portugueza.

Resumirei o programma: Dia 4, á noite — illuminação e *marcha á flambeaux*, em que se incorporou a banda militar.

Dia 5, ás 8 horas da manhã — Continencia á bandeira, e ás 3 horas da tarde — sessão solemne na Camara Municipal, fallando, entre outros oradores, o alto commissario sr. dr. Azevedo e Silva e o sr. dr. Jayme Ribeiro, sendo muito applaudidos. A's 9 horas da noite, houve illuminação, como na noite anterior.

Dia 7 — Inauguração do caminho de ferro de Lourenço Marques á Praia de Polâna, um dos mais importantes melhoramentos d'esta cidade, devido já aos Governos da Republica.

Dia 8 — Apresentação de carros allegoricos, muito artisticos, ganhando o 1.º premio o que representava a Rotunda (Lisbôa).

Foi, sr. Redactor, uma festa admiravel, que revelou bem que os portuguezes que vivem naquelle districto não esquecem a sua patria nem deixam de amar a Republica!

J. F. M.

N. da R. — A letra do auctor d'esta correspondencia chega ás vezes a ser inintelligivel, de modo que não extranhemos, se por ventura elle se queixar de que o seu pensamento foi numa ou noutra parte alterado, o que não fizemos voluntariamente, antes tivemos o maximo escrupulo em respeitá-lo sempre que o conseguimos descobrir.

Nós agradecemos ao nosso presado conterraneo, que se encobre com as iniciaes J. F. M. a amabilidade de nos enviar algumas informações de Lourenço Marques, e esperamos que continue a fazê-lo, pedindo-lhe, entretanto, duas coisas — que resuma, tanto quanto possivel as suas noticias, pois a nossa falta de espaço é grande, e que não se esqueça nunca de referir qualquer facto que diga respeito a pessoas d'aqui ou das freguezias visinhas que vivam naquelle districto.

Dr. Lourenço Peixinho

Consultas todos os domingos na Pharmacia Brito — Pinheiro (S. João de Loure).

Das 9 horas em diante

(Gratis aos pobres)

por toda a vida que vestiam de verde. Aquelle verde causava calafrios: aquelle verde era uma especie de sepultura anticipada, era o *las-ciende ogni speranza, ó voi che intrate...* e assim os precitos mostravam um semblante mais sombrio, mais parado, um semblante morto!

No entanto passados dois ou tres mezes, por occasião de um acontecimento festivo, cahiram sobre aquelle abysmo de expiação algumas gottas de balsamo; as penas foram reduzidas a pouco mais de metade, e desappareceu, pelo menos durante algum tempo, essa cor verde, tão doce para toda a gente, mas tão sinistra, tão hedionda, para os galeótes!

Só ha nm castigo que não será nunca suavizado ainda que a patria inteira se inunde num mar de felicidades e de alegria: esse castigo é a guilhotina! Os seus golpes põem

NOTICIARIO

INFORMAÇÃO LOCAL

Fallecimentos — Falleceram aqui as srs. Rosa do Pereiro, mais conhecida ainda pelo nome de Rosa Reitora, e Maria Barbosa Cravo (Maria Leria), mãe do *Julio Tólo*. Contavam já mais de oitenta annos, cada uma, estando a primeira doida ha algum tempo, e occupando-se a segunda em pedir esmola, pois era pobre e já nao podia trabalhar.

A's familias enluctadas, as nossas condolencias.

Consortio — Realisou-se, no dia 23, o consortio do sr. João Simões Junior, lavrador da visinha freguezia de Eírol, com a menina Augusta Candida, filha do sr. José Francisco Lopes (José da Candida), do logar da Horta, d'esta freguezia.

Desejamos aos noivos muitas felicidades.

A' cata de Balacó — Informam-nos de que a policia tem andado por aqui á cata do *Balacó*, o eximio *artista* que já conhece e applica na perfeição o *conto do vigario*. Parece que ainda o não encontrou, mas este primeiro insuccesso não deverá ser motivo para desanimar. Que a policia continue nas suas investigações é o que desejam as pessoas honestas d'esta terra.

Roubo — Na noite de 18 para 19 roubaram por meio de arrombamento, ao sr. Antonio de Mello, do visinho logar de Horta, diversas peças de roupa e um relógio, tudo no valor de 20\$000 reis.

Consta-nos que as auctoridades procedem a investigações que até á hora a que escrevemos supponhamos não terem dado resultado.

Subscrição a favor do sr. José Rodrigues Felizardo, digno carteiro d'esta freguezia, que se encontra enfermo ha muitos mezes:

Alfredo C. Magalhães . . . 2\$500
Sebastião C. Magalhães . . . 500
José C. Magalhães . . . 1\$000
A. Liborio Rocha . . . 500

Aclaração — O nosso presado amigo e conterraneo sr. João Martins de Pinho pede-nos a publicação da seguinte carta:

Amigo e sr. Redactor:

Publica o nosso *Correio do Vouga*, num dos seus ultimos numeros, uma noticia, sob a epigraphe *Uma Calumnia*, transcripta do *Diario de Noticias*, que merece alguns reparos. Refere-se ella a um phantastico rapto attribuido ao meu presado amigo sr. Manuel Dias Saldanha. Porque dei a respectiva informação para o referido diario lisbonense, preciso de a rectificar, tambem no seu jornal, visto este lhe ter feito allusão, mas sem a acreditar attentas as qualidades do sr. Manuel Saldanha.

Os factos passaram-se assim: Um dia, estando na estação á espera do comboio das 6 e tanto da tarde, apeou-se de um trem um cavalheiro que procurava o sr. Saldanha. Pouco depois, chegou este, acompanhado d'uma senhora. Averiguámos que se haviam separado, involuntariamente, na estação de Albergaria-a-

Um caso de philosophia moral

(CONTINUAÇÃO)

Já vez que não basta dizer: Gustavo Radice, em plena caserna, deu um tiro num companheiro, e matou-o; estavam todos presentes; viram, ouviram; elle proprio, o carabineiro homicida, não nega o que fez. Não, é preciso acrescentar mais estas formidaveis perguntas: dentro do cráneo d'esse Gustavo ha um cerebro perfeito, um cerebro *compos sui*? deu-se alguma d'essas vinte ou d'essas trinta circumstancias, antecedentes ou concomitantes, que são capazes de tolher ou pelo menos de attenuar a liberdade do acto? reunidas as parcelas, ainda as mais insignificantes, relacionados

os factores uns com os outros, examinadas as coisas por todos os lados, que grau de responsabilidade marcou a balança?

Quem se atraver a responder a estas perguntas com a confiança de um mathematico que, após operações inexoraveis, revela o valor de uma incognita, esse que assigne sem lhe tremer a mão uma sentença que não volta atraz! Quasi que não bastaria a infallibilidade do tribunal para mandar cortar uma cabeça que não se torna a collar outra vez aos hombros do criminoso quando se quer!

Eu convengo-me de que o respeito pela vida do homem é uma das quatro pedras angulares de qualquer sociedade que queira durar com honra; mas não me convengo com a mesma facilidade de que a pena de morte, no meio das interrogações e das incertezas em

que tem necessariamente de se proferir, seja uma manifestação authentica d'esse respeito e um exemplo acalmador para os que se sentem com instinctos de fraticida.

Julgas porventura que no meio d'essescuriosos que, fartos de sangue-falso derramado nos palcos, vão assistir a uma tragedia veridica na praça da grêve, não se encontra o tigre, não se encontra a fera humana que se accende e que se electriza á vista do sangue?

Olha, faz hoje dez annos que eu passei o dia em Montemarinho, onde está um presidio de condemnados a penas maiores. Eu via-os passar com os seus tristes uniformes e com as suas correntes, levando adiante de si uns carrinhos de mão cheios de areia ou de pedras para a fortaleza. Traziam umas calças de riscado e uma jaqueta de cor vermelha, á excepção dos condemnados

tido as pernas no impeto do seu galope? o que seria se a indulgencia chegasse cinco ou seis minutos mais tarde? Como a vida de um homem depende de um grão de areia!

Ha quantos annos que veiu ao mundo o herdeiro do throno de Hespanha? Nesse dia o joven monarcha, cheio de satisfação e de reconhecimento por ter recebido um filho das mãos de Deus, mandou suspender a execução capital em Granada. Da vida do infante recém-nascido resurgia a vida do criminoso. O thema presta-se para os poetas e para os oradores, mas eu torno a perguntar: o que seria d'aquella cabeça se a rainha de Hespanha tivesse dado á luz o seu filho vinte e quatro horas mais tarde? onde estaria ella neste momento se houvesse qualquer interrupção na linha, que impedisse a marcha

Velha, em virtude d'aquelle ter perdido o comboio. A titulo de mera brincadeira apenas, mandei informaçao do caso para o Diario de Noticias que alterou o pensamento das minhas palavras. Quando li a correspondencia fiquei incomodadissimo, e immediatamente tratei de a rectificar. Identica rectificação quero que fique archivada no nosso Correio do Vouga, e aproveito o ensejo para manifestar mais uma vez ao meu amigo sr. Saldanha a minha profunda estima e consideração. Eixo, 28-11-11.

De v., etc.

João Martins de Pinho.

Nova professora—Esteve, na quinta feira, em Oliveira d'Azemeis, onde foi tomar posse da escola do sexo feminino de Frossos, a sr.ª D. Gloria Marques de Carvalho. Acompanharam-na a sua mana, a gentil menina Margarida Marques de Carvalho, e a sr.ª D. Carolina Adelaide de Mello, illustrada professora da escola do sexo masculino d'esta villa.

A sr.ª D. Gloria de Carvalho deve arribar amanhã a sua escola, fixando, desde já, residencia em Frossos, onde ficará a viver com a mãe e a irmã que lhe são dedicadissimas.

Já tivemos occasião de fazer justiça ás suas bellas qualidades d'intelligencia e de trabalho, exultantemente affirmadas durante o seu curso que terminou com a alta classificação de 19 valores.

A joven professora honra a nossa terra, e temosa a certeza de que honrará tambem a sua classe.

Cumprimentamos a sua felicidade e o povo de Frossos.

D'além-mar—Acabamos de saber que o nosso conterraneo sr. Manuel Dias de Figueiredo, digno 1.º cabo de Infantaria, seguiu de S. Thomé para Mossamedes (Africa Occidental).

Muito desejamos que gose por lá saude e que seja sempre muito feliz.

Anniversarios—Fazem annos:

Hoje—O sr. Desembargador Manuel Alvaro dos Reis e Lima, meretissimo Juiz da Relação de Lisboa.

Segunda-feira—A sr.ª D. Maria do Ceu Magalhães.

Quarta-feira—O sr. Augusto Dias Morgado, residente no Brazil.

Na quinta-feira—O sr. João Isaias d'Oliveira Lopes.

A todos, os nossos mais cordaes cumprimentos.

Estadas—Esteve aqui, na 2.ª e 3.ª feira passadas, o nosso amigo e conterraneo sr. João Clemente Rodrigues, distincto alumno do 3.º anno da Escola Industrial «Infante D. Henrique», do Porto.

—De verita a 2.ª feira de familia, em visita a 6.ª feira, em Espinho e no Porto, as sr.ªs D. Carolina Adelaide de Mello e Gloria e Margarida Marques de Carvalho.

Doente—Continúa no hospital do Porto o nosso presado conterraneo sr. Sebastião Luiz Flamengo, digno conductor dos Caminhos de ferro do Estado. Fazemos votos pelas suas rapidas melhoras.

do telegramma?! a mim arripiam-se as carnes quando penso que a sorte final de um homem pôde depender assim de um fio de arame!

Ha pois entre os condemnados á morte—poder do privilegio!—dois grupos distinctos, duas classes: os afortunados, os que acertam em dias de gala, quando a guilhotina não funciona; e os desafortunados, aquelles a quem calha um dia qualquer do calendario, um dia de trabalho para o carrasco.

Ah! e nas sociedades em que o chefe se renova periodicamente, imagina-se o que acontece: ao principio, quando lhe apresentam d'esses papeis negros para a assignatura, elle que não estava habituado a mandar matar ninguem, estremece, horrorisa-se, recusa-se a escrever o seu nome; mas vem um dia em que lhe dizem que a indulgencia não é processo ordinario de quem

Pelas livrarias

Da conceituada Livraria Central (Lisboa—Rua da Prata, 160) recebemos as seguintes publicações: Verdade e Justiça, por Gomes de Carvalho, e Lição ao Povo, por Mario Monteiro.

Muito obrigados.

A referida livraria vae mandar ao Brazil um representante, encarregado de fazer propaganda d'alguns livros portuguezes, como sejam Casamento e Divorcio, por D. Alberto Bramão; A execução do Rei Carlos, por Antonio d'Albuquerque; A Gíria Portuguesa, por Antonio Bessa, e muitos outros, quasi todos de flagrante actualidade.

E' de esperar que a iniciativa do illustrado proprietario e gerente da Livraria Central terá um bello exito.

Assim o desejamos.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Nojões (Castello de Paiva), 8

(RETARDADA)

Não se passa o dia de finados, sem que eu me entorneça e commova, lembrando-me de pessoas queridas que a morte me roubou para sempre. E quem haverá ahí que deixe passar despercebido esse dia, não tendo uma palavra de saudade para abençoar a memoria dos que já não são d'este mundo?!

Quando andava por terras de Santa Cruz, longe da patria e da familia, aquelle dia era para mim de torturante tristeza, pois parece que a presença de pessoas amigas, de pessoas que adoramos, como os paes e os irmãos, é um lenitivo para a nossa dor, e todas essas pessoas estavam muito distantes. Hei-de lembrar-me sempre das horas amarguradas que passei, recordando os meus mortos queridos, chorando por elles, sem ter a quem communicar a minha dor, que se tornava por isso cada vez mais forte.

Passei, neste anno, aquelle dia com a familia, e se elle foi de tristeza e de saudade, não foi d'aquella dor intensa que nos enerva e quasi nos desespera.

Luço-Paivense.

Nota da Redacção—O nosso presado correspondente de Nojões, decerto com a melhor das intenções, mandou-nos ultimamente, duas correspondencias extensissimas que não pudemos publicar, desde logo, por absoluta falta de espaço. Reparámos, agora, que algumas noticias perderam a oportunidade, e só por isso deixamos de lhes dar publicidade.

Trofa, 5

(RETARDADA)

Agradeço a todos os meus amigos, e designadamente ao sr. Augusto Baeta, de S. João de Loure, as felicitações que me dirigiram pela minha correspondencia chronica o relativa ao Serranito, ha dias publicada no «Correio do Vouga».

as victimas fóra da esphera da clemencia.

Ha dias em que a sociedade pensa com ternura e compadecimento naquelles mesmos que a offenderam; e nesses dias os desgraçados sorriem porque têm uma fatia de pão mais abundante ao jantar e sobretudo porque sentem ás costas um fardo menos pesado. Só os mortos não têm allivio; o seu corpo despedaçado continúa a apodrecer debaixo de uma terra cheia de infamia, de despreso e de sangue.

Devo confessar-te minha irmã, que não é este o aspecto da pena de morte que menos me espanta: a patria, num momento de jubilo, poder abrir as portas dos carcerees, mas não poder abrir da mesma maneira a sepultura dos que ignominiosamente cahiram! Não ha taça de expiação a que se não possa re-

Que saudades, meninos! E elle te-á-tá-ti...

—Falleceu no dia 1, na sua casa da Figueira, o meu velho amigo Manuel de Pinho, que estava o melhor de go bom velhos, estando cego ha 4 annos. Pimaveras, como a tua memoria conte com a minha saudade, como em vida contaste sempre com a minha estima e consideração, de que julgo ter-te dado provas, naquellas longas e frias noites de inverno em que, qual outro João d'Alguava, me contavas interessantes historias que rematavam sempre por considerações judiciosas sobre a «malicia das mulheres» e a «emaldade dos homens».

Que o teu espirito descance em paz!

C.A. Estima.

Nota da Redacção—Só hoje publicámos estas duas noticias, porque não temos lido toda a correspondencia do sr. Estima, supuzemos que tratava exclusivamente do Serranito. A parte que diz respeito a este nosso conterraneo será publicada no proximo numero. Os leitores já devem estar mais do que anciosos, mais vale tarde do que nunca.

Até á hora do nosso jornal entrar na machina não recebemos carta do nosso habitual e presado correspondente de Lisboa.

Leituras amenas

NA ESTRADA

E' larga a estrada e brilha o sol. Vae por ella afóra, farnel cheio ás costas, olhos altos no céu, a cantar, parodiando os gaturamos, um rapazito louro; vem por ella, de rajado em punho, a taleiga vazia, um velhinho tartigrado e tremente, desesperançado, de olhos ao chão, acompanhando a sombra. E o rapazinho a cantar, dividindo o que leva com a terra, com as aguas, com o passaredo, não vê que o seu farnel vae escasseando, e o velhinho, a trazer as mãos engadadinas, a olhar a larga estrada em luz.

—Onde vaes, louro infante?

—Além!

E o velhinho a sorrir triste e tremente:

—De lá venho assim como estás vendo...

—De lá vens, dizes com tanta magua, pobre velho!... Não viste, então, as montanhas azues e as aguas de prata? Não colheste nas arvores, os fructos de ouro, ou a dama que possuiste foi perversa...

—De lá venho, diz o velho, tão só e compassadamente.

—E onde vaes?

—Para o sitio de onde vens, a buscar o descanso. Volta commigo, louro infante. Mais vale o fumo azul da cabana que a nuvem dourada que além passa... Volta commigo...

—Que! tornar atraz! tornar atraz ao mesmo sitio?

Deliras, pobre velho... vem tu commigo, anima-te!

—Eu?! E o pobre velhinho, a rir, sem dentes. E que fazer? Por que ás mancheiras desperdiças a fortuna que levas? Sê mais avaro, louro infante; guarda o teu bem,

governa, que acima da timidez dos magistrados está a segurança publica e estão as leis nacionaes que elles devem respeitar e servir. Esta linguagem, primeiramente abala-o, depois decide-o; com effeito, elle, presidente da republica, elle, eleito do povo, não tem o direito de se oppôr aos codigos; a responsabilidade, afinal, não é sua. Pega pois na penna e escreve um nome que ninguem entende, assim com modos de quem carrega no botão que faz descer o cutello, e que em seguida, para não vêr a sua obra, desata a fugir. Até que se habitua.

Já vês, minha querida irmã, que num paiz onde se faz a eleição do chefe de estado no principio de cada anno, os condemnados á morte do primeiro semestre estão em condições muito mais favoraveis relativamente aos do segundo semestre; uns encontram a consciencia ainda

para que te não succeda, á volta, o que a mim succedeu; soffrer fome, soffrer sede, soffrer frio e desengano...

—Pois não estás vendo, velhinho, que o que eu vou semeando rebenta em flôr e trescala, surge do ninho e é canto alado, torna-se em arvore e dá o fructo e sombra, enche a natureza toda de alegria?

—Tambem pareceu-me assim quando eu, como tu, tinha os cabellos louros; tambem pareceu-me assim, já não parece agora. Alonga o teu olhar novoço; que avistas por lá, que avistas?

—Espinhaes, espinhaes, nada avisto...

—E que ouves, louro infante? Escuta...

—Pios de aves tristes... nada mais.

—Foi o que eu semei... A principio, como te succede agora, pareceu-me vêr flores e ouvir trillos, e fui semeando; emtanto ah! tens: mochos e espinhaes, mochos e espinhaes... Torna commigo, louro infante! aquillo que além avistas é perfidia! Naquellas seras azues mora um feiteiro que se chama Ideal.

Vae-se atraindo pelos seus sortilegios, vae-se, e, quando, como me aconteceu, de lá se pôde tornar, porque o maior numero lá fica, é assim, como me vês: pobre, o coração vazio como esta taleiga, e triste.

Torna commigo, louro infante! E' mais doce do que os gorgeios do gaturamo a cantilena de tua mãe.

Tudo, por esta estrada longa, é illusão e perfidia.

—Que importa! as montanhas de além são tão azues que parecem feitas do céu...

—Torna commigo ao teu casebre, infante! Tudo é illusão e perfidia.

Eu de lá venho das montanhas... e sei, torna commigo.

—Adeus, velhinho! Adeus, velhinho!

E lá vae estrada afóra, farnel cheio ás costas, olhos altos nos céos, a cantar, o rapazinho louro.

E o velhinho, vendo-o seguir, suspira:

—Pobre creança, desgraçado infante, como vae soffrer... Elle a querer ser velho... (pobre de mim e pobre de elle...) eu a querer tornar a ser creança!

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada

de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

governa, que acima da timidez dos magistrados está a segurança publica e estão as leis nacionaes que elles devem respeitar e servir. Esta linguagem, primeiramente abala-o, depois decide-o; com effeito, elle, presidente da republica, elle, eleito do povo, não tem o direito de se oppôr aos codigos; a responsabilidade, afinal, não é sua. Pega pois na penna e escreve um nome que ninguem entende, assim com modos de quem carrega no botão que faz descer o cutello, e que em seguida, para não vêr a sua obra, desata a fugir. Até que se habitua.

Já vês, minha querida irmã, que num paiz onde se faz a eleição do chefe de estado no principio de cada anno, os condemnados á morte do primeiro semestre estão em condições muito mais favoraveis relativamente aos do segundo semestre; uns encontram a consciencia ainda

Horarios dos Comboios

VALE DO VOUGA De Aveiro a Albergaria-Velha

Table with 2 columns: Station and Time (M. T.). Rows include Aveiro, Eixo, Eiról, Travassó, Cabanões, Cazal de Alvaro, Oronhe, Agueda, Mourisca, Aguireira, Carvalho da Portella, Macinhata, Jafafe, Sernada, Albergaria-a-Velha.

De Albergaria-a-Velha a Aveiro

Table with 2 columns: Station and Time (M. T.). Rows include Albergaria-a-Velha, Sernada, Jafafe, Macinhata, Carvalho da Portella, Aguireira, Mourisca, Agueda, Oronhe, Cazal de Alvaro, Cabanões, Travassó, Eiról, Eixo, Aveiro.

De Espinho para Albergaria sai ás 8,30, e chega á 10,52, da manhã; e ás 6,30, e chega ás 9,13 da tarde. De Albergaria para Espinho sai ás 6,53, e chega ás 9,20 da manhã; e ás 2,37, e chega ás 5,20 da tarde.

TRAMWAYS: — Sahida de Aveiro para o Porto, de manhã, ás 5,30, 9,50, 11,27.—De tarde, ás 2,22 e 5,55.

Do Porto para Aveiro, de manhã, ás 7, 9,40, e 11,20.—De tarde, ás 2,13 e 5,20

DE LISBOA AO PORTO

Omn. Tram. Omn. Rap. Cor.

Table with 5 columns: Station, M., T., T., N. Rows include Lisboa(Rocio), Entroncam., Coimbra, Pampilhosa, Mogofores, O. do Bairro, Aveiro, Estarreja, Ovar, Espinho, Gaia, Porto(S. Bt.º).

DO PORTO A LISBOA

Omn. Rap. Tram. Exp. Cor.

Table with 5 columns: Station, M., M., M., T., T. Rows include Porto(S. Bt.º), Gaya, Espinho, Ovar, Estarreja, Aveiro, O. do Bairro, Mogofores, Pampilhosa, Coimbra, Entroncam., Lisboa(Roc.).

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao seu director para o Porto, Rua do Commercio do Porto n.º 124-B

virgem e timorata do novo funcionario, outros, pelo contrario, já encontram callo. A sorte anda muito nestas questões.

Lembras-te de Bresci, o assassino do rei Humberto? estas recordações não são apraziveis, mas eu preciso de responder á tua pergunta com os elementos de que disponho. Não o fuzilaram por duas razões: 1.ª porque o seu crime foi cometido e foi julgado na Italia; 2.ª porque não era soldado. Mas que elle apunhalasse o rei Humberto na França, ainda que fosse a dez metros da raia, ou que elle usasse de um uniforme militar em Monza no momento do crime, ah! ninguem o salvava de um Deibler ou de uma descarga!

(Continua)

BISPO DE ANGOLA E CONGO.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR ANGELO VIDAL

Edição da Livraria Fernandes Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados typos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e atrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguém disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

POR FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIDORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e atrahentes dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua novo sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas saticas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; e estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que não-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisala o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

Á venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e iitterario

Redacção e Administracão:

R. do Commercio do Porto, 124-B

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1\$200
— semestre	600
Africa —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte)	2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . .	10 reis
Communicados, cada linha . . .	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-sc, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracão—R. do Commercio do Porto, 124-B—PORTO

Cam. Inr.

4.^o ANNO—N.^o 46